

Inflação: o FMI adivinhou?

Incrível a bola de cristal dos técnicos do FMI.

Está lá, no documento confidencial que publicamos sexta-feira passada, feito para orientar os trabalhos da missão que viria ao Brasil: eles previram uma taxa de inflação de 15% para o mês de junho. Erraram por pouco, ela foi de 12,3%.

Ora, o documento é datado de 6 de junho. Deve ter sido preparado e redigido na segunda quinzena de maio.

Quem, naquela época, poderia prever que a taxa de inflação em junho seria desse nível? Apenas quem já sabia que o governo iria decretar aumentos substanciais nos preços dos derivados de petróleo e do trigo. Certo?

E como o pessoal do FMI poderia saber disso?

Porque o sr. Carlos Geraldo Langoni havia estado com eles, na semana anterior ao jantar do Galvêas em Nova York (20 de maio). Então os aumentos devem ter sido fixados e, inclusive, foi feita uma avaliação conjunta (pelos assessores do Langoni e os do FMI) dos efeitos que teriam sobre a taxa de inflação do mês de junho.

É por isso que um documento do FMI datado de 6 de junho pode prever com precisão tão próxima uma taxa de inflação que a FGV só divulgaria um mês mais tarde.

Agora, pergunta-se: o FMI previu também as enchentes do mês de

junho e os aumentos nos hortigranjeiros?

É claro que não.

Então, aquela sua previsão de 15% inclui apenas os aumentos dos combustíveis e do trigo, cujo peso na composição do custo de vida é conhecido. Assim, fica fácil calcular o impacto sobre o IGP, a partir do momento em que se sabe qual vai ser o percentual de aumento.

Ora, se a previsão incluía aumentos somente de combustíveis e trigo e depois tivemos também as "acidentalidades" causadas pelas enchentes, a taxa real de inflação apurada pela FGV deveria ter sido ainda maior do que aquela prevista pelo FMI — e não menor. Se isso de fato aconteceu, o "expurgo" da correção monetária terá sido muito maior do que pareceu.

Agora prestem atenção. Essa conclusão é puramente especulativa. Especulação bem fundamentada, digamos. Admito, todavia, que pode estar errada, porque alguns itens que integram o IGP-DI podem ter tido aumentos bem inferiores, ou até quedas de preços, fazendo a média situar-se abaixo da previsão do FMI a despeito de tudo o que aponte.

É por isso, então, que a FGV deveria ter sido muito mais minuciosa na divulgação dos critérios que usou no mês de junho. Ainda é tempo para isso.

Marco Antonio Rocha